

# BIS quer cortar, aos poucos, créditos ao Terceiro Mundo

## Heitor Tededino

Londres — O corte gradual do socorro financeiro dos grandes bancos centrais a países endividados foi defendido pelo presidente do Banco Central suíço e do BIS (Bank for International Settlements), Fritz Leutwiler, sob o argumento de que embora deva surgir atrito com esses países de economia fraca. Segundo ele, esta é a melhor forma de reduzir os seus débitos, porque se eles acostumarem-se com o uso de "financiamentos como muletas o problema do débito internacional poderá ficar fora de controle.

Um dos banqueiros internacionais mais irritados com o Brasil — até hoje não se conforma com a decisão do Brasil de prorrogar um débito de pouco mais de US\$ 1 bilhão junto ao BIS — Fritz não perde nenhuma oportunidade para dar as suas alfinetadas no problema brasileiro. Em conferência na Universidade de Zurique, quando fez tais afirmações, acrescentou que "quando o problema do Brasil estiver resolvido, o corpo de bombeiros poderá recolher as suas mangueiras", isto é, o Brasil é o maior problema internacional.

Por outro lado, Fritz não deixou de alertar os países desenvolvidos — embora na Suíça ninguém pense em seguir o seu conselho — conclamando para que abram as suas portas para produtos dos países em desenvolvimento, acentuando que sem esta medida eles não conseguirão superar os seus problemas de dívida externa.

Dentro de sua conferência, observa-se que Fritz Leutwiler evoluiu suas teorias em relação aos países devedores, porque agora pede uma política gradual de redução de crédito, enquanto no estouro da crise em 1982, os bancos suíços tornaram-se totalmente inacessíveis para países

como o Brasil, além de eliminarem a grande parte dos seus financiamentos em operações interbancárias com os bancos brasileiros.

O presidente do Banco Central suíço defende, ainda, que o Fundo Monetário Internacional tenha todas as cautelas possíveis para aprovar novos financiamentos. No entanto, esta atitude assumida pelos bancos suíços — provavelmente orientados pelo presidente do Banco Central daquele país — não é a mesma das principais instituições financeiras da área internacional, principalmente os banqueiros norte-americanos, que já se convenceram que durante muitos anos terão de dar suporte à dívida de países como o Brasil, porque as alterações observadas na área internacional não foram provocadas pelos países devedores, mas pelos próprios credores.

E dentro deste clima que na próxima semana os ministros da área econômica irão defrontar-se com os membros do chamado Clube de Paris, no esforço para renegociar US\$ 2,5 bilhões. Acredita-se que críticas serão dirigidas ao Brasil por banqueiros suíços, mas ninguém duvida que a pretensão brasileira será acatada, porque eles estão sem coragem de negar crédito ao Brasil, temendo consequências para os seus próprios bancos. Tal fato ocorrerá porque não se trata apenas do problema do Brasil. Caso o governo brasileiro assumira uma postura menos responsável e decidisse suspender pagamentos ou declarasse oficialmente a moratória, ninguém duvida que muitos outros países seguiriam o mesmo caminho, o que seria o caos do sistema financeiro internacional, que neste momento não tem sustentação para suportar uma nova crise de liquidez.